

## PROJETO MINUTO – NARRATIVA EM OUTRAS LINGUAGENS

Davina MARQUES<sup>1</sup>

Ludmila Alexandra dos Santos SARRAIPA<sup>2</sup>

### RESUMO

Trabalhar outras mídias, outras linguagens em nossas produções; experimentar na tecnologia uma forma de expressão; exercer a autonomia na análise social; ler o mundo e trazer à tona diferentes percepções e questionamentos... Neste relato de experiência apresentamos o Projeto Minuto. Alunos de 9º ano buscaram inspiração nos conteúdos de Geografia e de Português para pensar o homem e sua relação com o mundo. Nossas vidas secas, os problemas do cotidiano, os efeitos de nossa ação sobre o mundo, nossos sentimentos, aquilo que foi motivo de desassossego, que toca ou incomoda os nossos alunos, transformou-se em filme, um filme de um minuto. Estudamos a relação entre filme e narrativa; roteiros; exercitamos nossa capacidade de síntese; trabalhamos com ferramentas tecnológicas para a edição, produção, seleção e organização de imagens; estudamos a música como elemento constitutivo do trabalho. O resultado desta experiência pode ser observado nos filmes produzidos pelos alunos em um exercício de autonomia, de experimentação, que se revelou instigante e extremamente significativo para todos os que dele participaram.

**PALAVRAS-CHAVE:** autoria; projeto; tecnologia; transversalidade; experimentação.

Este texto é o relato de uma experiência que continua em andamento. A partir de uma parceria entre as autoras deste texto, professoras de Português e Geografia, do Ensino Fundamental, os alunos do 9º ano da Escola do Sítio, em Campinas/SP, foram convidados a seguir caminhos de experimentação e exercer funções de autoria,

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, e UNICAMP, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia. Rua Antônio José Ribeiro Júnior, 95 – apto 13 B, CEP 13070-728, Campinas/SP, Brasil. [davinamarques@hotmail.com](mailto:davinamarques@hotmail.com).

<sup>2</sup> Escola do Sítio - Rua Uirapuru, 820, Barão Geraldo - CEP 13082-706 Campinas/SP, Brasil. [ludmila.sarraipa@gmail.com](mailto:ludmila.sarraipa@gmail.com)

assumindo o papel de protagonistas de seus registros, valendo-se de ferramentas da tecnologia para produzir um filme de um minuto.

Partimos de conceitos de Gilles Deleuze e de Félix Guattari (2004), que afirmam que a arte, a ciência e a filosofia são potências do pensamento. Criar um conceito filosófico, por exemplo, significa perceber e traçar um corte no caos-potência do pensamento; é não se perder; é ser capaz de estabelecer a relação entre duas determinações antes não pensadas. O filósofo cria o conceito em um *plano de imanência* traçado por ele, um plano de movimentos, que não está em algum lugar, pronto, estático, esperando para ser “utilizado”, mas que precisa ser definido, recortado. No exercício de pensar, que tem conseqüências, porque “não pensamos sem nos tornarmos outras coisas” (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.59), o filósofo cria seu conceito, que não é uma proposição e não tem a pretensão de “definir”. Ele cria uma realidade, gera acontecimentos. Deleuze e Guattari apresentam Platão como exemplo. Ele dizia que deveríamos contemplar as Idéias, mas precisou antes criar esse conceito de Idéia, precisou estabelecer um mundo ideal onde as Idéias estivessem. E, a partir desse conceito, surgiram as noções de representação, de simulacro...

O conceito, na filosofia, é intensão (com s mesmo, de intensidade, veemência, força, energia, aumento de tensão) em todos os seus componentes, passa e repassa por eles em estado de sobrevôo, de ritornelo, “imediatamente co-presente sem nenhuma distância de todos os seus componentes ou variações” (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.33).

Relacionamos o par imanência-conceito, da filosofia, ao par plano de composição-monumento, da arte. “(...) Composição, composição, eis a única definição da arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte.” (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.247). Segundo Deleuze e Guattari (2004), o artista

também traça um corte no caos, mas o faz em um plano de composição, produzindo arte, um monumento de sensações.

Deixamos a arte nos tocar, nos atravessar. Fizemos a “leitura” de fotografias, de imagens, de obras literárias, acreditando que a arte poderia nos tirar do lugar do senso comum e nos desterritorializar do sistema da opinião que reúne “as percepções e afecções dominantes em nosso meio natural, histórico e social” (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.252). Estudamos os textos referenciais de Geografia, gráficos, tabelas, quadros, artigos. Pensamos o mundo e as relações entre os homens.

Seguimos por linhas desconhecidas, exploradas por poucos, em um processo de pensar outro, uma “experimentação tateante” (Ibidem, p.58). É possível, dizem Deleuze e Guattari (2004), que se retorne do caos com os olhos vermelhos, mas precisávamos mergulhar...

O nosso desafio: experimentar, criar um “monumento” a partir de alguns temas. Sempre com os filósofos franceses:

Um monumento não comemora, não celebra algo que se passou, mas transmite para o futuro as sensações persistentes que encarnam o acontecimento: o sofrimento sempre renovado dos homens, seu protesto recriado, sua luta sempre retomada. (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.229)

Pulsamos junto com nossos alunos em outros territórios. Muitas linhas se cruzaram e fizeram pensar, um pensar deleuzeano: “Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo — o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela.” (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p. 143)

Educação-experimentação. “Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender” (DELEUZE, 2006, p.237). Aprender... “Aprender é tão-somente o

intermediário entre o não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro” (DELEUZE, 2006, p.238)

### **Um lugar, um tempo**

A Escola do Sítio foi fundada em 1976. Reunia em torno de si pais e professores compromissados com uma educação libertária. Hoje, com a maturidade conquistada em mais de trinta anos de existência, é uma escola de referência que fez opção por um currículo aberto e que prioriza a participação efetiva de seus alunos nas situações de aprendizagem.

Entende por currículo a integração de toda e qualquer produção de conhecimento que acontece na escola com o conhecimento acumulado pela humanidade. O currículo, portanto, vai muito além dos conteúdos das diferentes áreas de estudo e disciplinas, pois ele também deve trazer para dentro das discussões de sala de aula as vivências de todos os envolvidos no processo, o que resulta na construção cotidiana da escola, que se cria, se re-cria, se critica. Os projetos funcionam para a organização de eixos norteadores ou disparadores nas diversas disciplinas, mas, neste caso, o que buscávamos era possibilitar a criação, dentro das nossas áreas, em um movimento que não fosse hierárquico, mas sim transversal. Nós, professoras, não buscávamos uma pergunta a ser respondida pelos alunos. Queríamos provocar uma construção que levasse ao questionamento, que se abrisse em múltiplos caminhos. Queríamos uma parceria que pudesse dar aos alunos a oportunidade de experimentar, de fazer registros, de estabelecer relações entre conteúdos, de coordenar informações.

O tema maior que envolve todos os ciclos da escola atualmente é a LEITURA.

Professores de outras disciplinas experimentaram ler livros com os alunos. Não os chamados paradidáticos, mas, dentro do que se buscava estudar, buscamos trazer obras de literatura, por exemplo. Assim, nas aulas de Geografia, a geografia pôde ser “sentida” por textos de José Saramago e delicadamente entendida pela migração dos personagens da poesia de João Cabral de Melo Neto. Os depoimentos dos alunos foram surpreendentes quando diziam que jamais poderiam entender daquela maneira o sentimento de um retirante, que a geografia conceitua em “o migrar de um lugar para o outro”, se não fosse a saga do caminhante Severino, em *Morte e Vida Severina*. O texto literário, nesta perspectiva, não tem uma função meramente ilustrativa, para auxiliar o entendimento de um assunto, mas pretende unir as sensações que dão liga e instigam a busca do conhecimento. A mesma turma leu *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Nossas aulas escapam ao ensino mais catedrático dos livros didáticos, muitas vezes nem adotado (em Português, por exemplo). De certa forma, buscamos libertar os alunos da exaustiva conceituação repetitiva, em favor de vivências experimentadas por personagens e, às vezes, personalidades em um roteiro de vida.

Já conhecíamos as vantagens de se trabalhar com tecnologia na escola: interação, autonomia e, sobretudo, motivação. Acrescente-se a esses fatores a facilidade da faixa etária com que lidamos no uso e no acesso aos materiais: câmeras digitais, computadores e a ferramenta de edição Windows Movie Maker. Decidimos adotar este último como recurso pedagógico.

Nossos objetivos: produzir um filme de um minuto com edição e roteiro orientados pelas professoras; trabalhar imagens e textos para inspirar produções; experimentar mais autonomia para discutir as armadilhas que nos levam ao preconceito na análise social; ler o mundo e trazer à tona diferentes percepções e questionamentos que, na forma de filme, se apresentam mais livremente; entender o recurso do roteiro e

da edição didaticamente para perceber a importância da revisão.

O projeto teve como desafio entrelaçar a literatura, ou a inspiração que ela nos provoca, a imagem, como forma de expressão e sua desarticulada maneira de nos tocar, e o som, que permite outras projeções para o olhar. Nossa intenção era fazer com que a imagem passasse a se comportar como um relato de entendimento, que não se prestasse apenas ao papel de comunicar... O nosso desejo era de que ela brotasse e aparecesse primeiramente no imaginário, trazendo um esboço de uma realidade que se faz de desentendida e que aponta para linhas de colisão que alguns desatentos acreditam ser o acaso. Era justamente a esse ponto que queríamos chegar: à colisão, ao questionamento, ao desassossego.

Introduzimos alguns temas gerais: Mar, Migração, América dos Latinos, Clima, Outros Mundos... Os temas gerais serviram de orientação para assuntos que poderiam ser tratados nos filmes produzidos pelos alunos e se relacionavam a leituras feitas nas aulas de Português e de Geografia. Eram sugestões para inspirar o roteiro, sugestões com exemplos de obras literárias. Discutimos os temas e os textos, e passamos para a etapa de planejamento do projeto: o roteiro.

O roteiro foi o momento do planejamento maior do trabalho. O roteirista, no nosso caso, funcionava como aquele que organiza o seu texto-imagem, planejando cenas, projetando imagens, fazendo escolhas para que sua história possa ser contada de uma certa maneira e dentro do período pré-estabelecido. Os próprios alunos lembraram a palavra “rota” ao pensar no roteiro, como um norte para os trabalhos. Fazia parte de nossos planos que os alunos lidassem também com prazos, para estimular sua organização. Até o final do ano, pretendemos realizar um Festival do Minuto na escola, com a participação de todas as turmas (de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental).

Exercitamos dois tipos de roteiro: de um texto narrativo e de um texto

dissertativo. Contar uma história, com personagens. Debater uma idéia, promover uma discussão, defender um ponto de vista. E depois, trabalhar essas linguagens e a imagem visual, para fazer um recorte e apresentar uma leitura do mundo.

A nossa proposta, afinal, era “fazer arte”. Fazer arte em pelo menos dois sentidos: criando um monumento estético, no sentido deleuzeano, como algo que permaneça e continue nos provocando, apesar do tempo, um bloco de sensações. E fazer arte, brincar, explorar o que não conhecemos, experimentar caminhos ainda não percorridos, como crianças que somos e que gostamos de ser.

Cada texto escolhido, cada discussão em sala, produziu este texto e os filmes. Entendemos estes últimos como uma expressão em outras linguagens, pois empresta, rouba e caminha.

Isso tudo tem a ver com uma forma de pensar a educação. Para nós educar é criar espaço para perceber, estranhar, deslocar-se, devir. E questionamos as interpretações, questionamos as representações, questionamos o senso comum, questionamos o caminho fácil. Buscamos linhas de fuga.

Deleuze e Guattari (2004) dizem que somos feitos de linhas, e esta afirmação nos inclui, professores e alunos:

(...) somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão *entre as linhas escritas*. (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.66)

Somos linhas e a todo momento nos deparamos com linhas de segmentação dura: a escola, instituição disciplinar, como nos ensinou Foucault. Desejávamos uma linha de fuga:

Fugir (...) nos dois sentidos da palavra: perder sua estancidade

ou sua clausura; esquivar, escapar. Se fugir é fazer fugir, é porque a fuga não consiste em sair da situação para ir embora, mudar de vida, evadir-se pelo sonho ou ainda transformar a situação.

(ZOURABICHVILI, 2004, p.30)

Fugir, fazer fugir, experimentar, desterritorializar... Escapar do território das aulas e explorar frinchas, aberturas, outras dimensões dos conteúdos estudados.

E desejamos o *acontecimento*, em seu sentido filosófico, como ato, como efeito, como fissura, em direção a algo que não podíamos controlar:

a cesura ou ruptura cortando irrevogavelmente o tempo em dois e forçando-o a re-começar, numa apreensão sintética do irreversível e do iminente, o acontecimento dando-se no estranho local de um ainda-aqui-e-já-passado, ainda-por-vir-e-já-presente.

(ZOURABICHVILI, 2004, p.08)

Nas aulas de Geografia e de Português, transformamos reflexões em produção em outras linguagens; outro pensar, pensar produzindo, argumentar, convencer. Expressar-se com ou sem palavras. Perceber situações, criar e buscar formas de registro: fotografia e filmagem. Tecnologia.

Discutimos as armadilhas dos clichês, que foram alvo de problematizações. Difícil escapar da repetição do mesmo. Os temas foram se desenvolvendo, nas duas disciplinas, e os filmes foram sendo organizados: oito, no total, que podem ser acessados a partir de um link no *site* da escola: [www.escoladositio.com.br](http://www.escoladositio.com.br), na “A-Mostra” Cultural, de maio deste ano. Parcerias entre alunos, experiências solo, um grupo ajudando o outro, e a ferramenta do Windows sendo objeto de apropriação.

O Windows Movie Maker, software da Microsoft de edição de vídeos, é um programa relativamente simples e, portanto, de fácil acesso para alunos com alguma experiência com informática. Como ferramenta pedagógica, funciona muito bem, pois



permite que imagens criadas pelos alunos possam ser editadas e incrementadas com efeitos e áudio, para a confecção de filmes.

### **Uma experiência transversal**

Entendemos que o projeto que desenvolvemos com essa turma tem como característica a transversalidade.

A palavra transversal tem sido usada nas escolas desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs). Os famosos temas transversais. O volume 10.1, sobre o terceiro e o quarto ciclo do Ensino Fundamental, apresenta um conceito de transversalidade pautado por uma forma de organizar conteúdos, na tentativa de evitar o compartimento do ensino e da aprendizagem. Trata-se, neste caso, de uma exigência curricular, com objetivos de levar o corpo docente a “atuar conscientemente na educação de valores e de atitudes em todas as áreas” (BRASIL, 1998, p.29), pretende a definição de objetivos educacionais, busca mudar a atuação dos professores, implica trabalho sistemático. O mesmo documento enfatiza a inclusão da transversalidade na organização curricular, “garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade”. (BRASIL, 1998, p.30). Não é este o movimento transversal que buscamos.

Transversalidade, a partir do pensamento deleuzeano, significa o rompimento com o paradigma arbóreo/arborescente do conhecimento, representado pela árvore, pela raiz, implica rompimento com hierarquias. Quando Deleuze e Guattari (2006) fizeram essa crítica, eles tomaram como imagem um sistema chamado rizoma:

(...) aquele tipo de caule (...), formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenatórios, (...) inúmeras linhas fibrosas (...), que se entrelaçam e se engalfinham

formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do conjunto. (GALLO, 2003, p.93)

Deleuze afirma que o rizoma não se julga pelo resultado final, mas pelo seu curso, pela potência de sua continuação:

(...) opusemos os rizomas às árvores, ou antes, os processos de arborização como sendo limites provisórios que parariam um momento o rizoma e sua transformação. Não existem universais, somente singularidades. Um conceito não é um universal, mas um conjunto de singularidades, onde cada uma se prolonga até a vizinhança da outra. (DELEUZE, 1991, p.7)

Assim, a transversalidade que pretendemos, rizomática, aponta para outras direções, como um mangue:

aponta para o reconhecimento da pulverização, da multiplicidade, para a atenção às diferenças, construindo possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes, sem procurar integrá-los artificialmente, mas estabelecendo policompreensões infinitas. (GALLO, 2003, p.97)

O mesmo autor afirma que um currículo transversal, rizomático, seria “uma produção singular a partir de múltiplos referenciais”, evitaria pretensões massificantes da pedagogia, abrir-se-ia “para uma realidade fragmentada e múltipla, sem a necessidade de recuperar uma ligação, uma unidade perdida” (GALLO, 2003, p.99). Ainda que esta visão seja utópica, foi pensando nesse tipo de transversalidade que surgiu o projeto minuto.

O uso da tecnologia deu aos nossos alunos a possibilidade de criar algo, de exercitar o que Michel Foucault (2001) chama de “função-autor”: os filmes são objetos de apropriação, não funcionam de maneira universal, resultam de operações complexas

e comportam uma pluralidade de “eus”. Assim problematizamos a idéia de autoria e da existência de um ser autônomo, racional, autocentrado, dos discursos pedagógicos, seja ele o professor ou o aluno.

Podemos nos perguntar, a la Foucault (2001):

que importa quem ensina?; o que é ensinar?; o que é uma aula? E ainda: uma aula tem autoria?; quem são esses que falam e constroem uma aula?; como funcionam esses envolvidos no processo da educação? Talvez a marca da singularidade daquele que ensina seja exatamente a ausência-presença, o atual-virtual que nos move no processo de educação. (MARQUES; FIGUEIREDO; GALLO, 2008, p.12)

Neste relato de experiência, não buscamos criar ou desenvolver práticas que sirvam de modelos pedagógicos. Fizemos parcerias que funcionaram, em um exercício de pensar que não lida com verdades postas, e as reconhece como provisórias.

Inúmeros têm sido os ganhos: interesse pelas aulas e pelos assuntos discutidos, melhor compreensão do que seja um texto narrativo e um texto dissertativo, por exemplo, ou a habilidade renovada de se lidar com os elementos que compõem cada texto. Os impactos na produção escrita ainda serão analisados, mas este será um outro trabalho.

Apenas mais uma nota. O título inicial da comunicação era “Projeto Minuto – narrativa em outras linguagens”, mas essa experiência, em andamento, já nos mostrou que a produção dos alunos foi bastante além de uma “narrativa”. Talvez este artigo pudesse se chamar “Projeto Minuto – o texto (ou textos) em outras linguagens”.

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DELEUZE, G. “Signos e acontecimentos”, entrevista a Raymond BELLOUR e François EWALD, 1991. Tradução de Ana Sacchetti. Disponível em <[http://br.geocities.com/polis\\_contemp/dossie\\_deleuze\\_textos/signos\\_acontecimentos.pdf](http://br.geocities.com/polis_contemp/dossie_deleuze_textos/signos_acontecimentos.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. RJ: Graal, 2ª edição – 2006.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2004.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

FOUCAULT, M. “O que é um autor?” In: **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MARQUES, D. **Experimentações: deleu-guata-roseando a educação**. Dissertação (Mestrado em Educação - Universidade Estadual de Campinas). *Orientador*: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

\_\_\_\_\_. SILVA, G.M.F.; GALLO, S. “A Função Pedagógica do Educador - apontamentos sobre multiplicidade e diferença”. In: II Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos, 2008, Niterói. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos. Niterói: GRUPALFA-UFF, 2008.

ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

#### **Bibliografia consultada**

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2005.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão – 2004a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002b.

ESCOBAR, C. H. (org.) **Dossier Deleuze**. RJ: Hólon Editorial, 1991.

LINS, D. “Mangue’s School ou Por uma Pedagogia Rizomática”. In *Educação e Sociedade* – volume 26, n.93, p.1229-1256. Campinas: CEDES, 2005.